

Othon Lobo da Gama D'Eça: biografia e modernidade

TAMIRES QUESADA FURTADO*

O escritor do qual trataremos neste artigo é Othon da Gama Lobo D'Eça (1892-1965), figura importante no cenário político, social, literário e cultural de Santa Catarina. Ocupou diversos cargos públicos, como Secretário de Segurança pública, Juiz de Direito, professor da Faculdade de Direito e chefe provincial da Ação Integralista Brasileira. Foi, por muitos anos, presidente da Academia Catarinense de Letras, participando inclusive na sua fundação.

A principal obra, publicada em 1957 por D'Eça, foi o livro de contos *Homens e Algas*. Este livro tem como tema os pescadores da Região da Grande Florianópolis no momento de urbanização da cidade, momento este que produziu uma série de transformações urbanas que afetaram diretamente essas comunidades pesqueiras. Propondo novos modelos de conduta e saneamento, o projeto modernizador da cidade, principalmente da capital, deslocou a população de pescadores das regiões que habitavam, modificando as relações sociais e, principalmente, as formas de subsistência das comunidades.

Não apenas em *Homens e Algas*, mas notamos, em toda a sua obra, desde a literária até em seus textos e posicionamento político, que a questão da modernização é um problema central para este autor, portanto, essa questão torna-se chave para entendê-lo e, conseqüentemente, perceber como a complexidade dessas transformações preocuparam setores da intelectualidade catarinense. Para este propósito, a análise da produção intelectual de D'Eça é essencial, apresentado-se como fio condutor deste trabalho.

O objetivo deste artigo, portanto, é traçar uma breve biografia de Gama D'Eça tendo em vista os aspectos da modernização que influenciariam na formação intelectual desse personagem, chave – por sua atuação - na compreensão do processo de modernização de Florianópolis.

Convém, neste caso, explicitar que não se trata de uma biografia tradicional, linear, cujo objetivo é narrar acontecimentos e/ou detalhes da vida do biografado. Partiremos da concepção historiográfica que problematiza o sujeito. Em contraposição às visões

* Mestranda do curso de História da Universidade Federal de São Paulo.

restritamente totalizantes da história, a historiografia mais recente retorna ao problema do sujeito, que deixa de ser fonte e passa a objeto de pesquisa.

Ligada à história política tradicional, a biografia ficou por muito tempo esquecida, pois a história econômica e social visou justamente a crítica da história política, assim, o foco do historiador centralizado em uma figura foi igualmente criticado. Para muitos historiadores, as lacunas deixadas pelos documentos seriam preenchidas pela imaginação do historiador, da interpretação desses documentos. Essa questão fez com que o gênero biográfico fosse afastado do compromisso com a verdade, próprio da historiografia.

A aproximação do discurso historiográfico da literatura e da ficção correspondente as recentes tendências da historiografia, resgatou a biografia. Na análise das fontes de um acontecimento do passado, cabe ao historiador completar as lacunas, segundo a sua interpretação. O biógrafo age de maneira semelhante. O historiador, para François Dosse, em ambos os casos tem o compromisso com a verdade, mesmo que existam interpretações diferentes. Portanto, é o “deslocamento do olhar do historiador”, que revaloriza o gênero biográfico (DOSSE, 2009:104-5), e que, a partir da década de 1990 o faz problematizar o sentido de escrever sobre uma vida.

O indivíduo moderno, visto como social e, portanto, suscetível a vivenciar inúmeras temporalidades sobrepostas, ainda mais quando percebido no contexto de transformações violentas advindas da modernidade capitalista, é um desafio que pode ter um objetivo coerente: em meio à essas transformações incessantes, as escritas de si podem atender a demanda de uma certa estabilidade, de linearidade ou mesmo de coerência do indivíduo (GOMES, 2004:13). Estabilidade que pode ser uma ilusão, pois nunca se deve perder de vista a incoerência a fragmentação e mesmo a incompletude do indivíduo moderno.

Para Dosse, a biografia não depende só da arte, mas está baseada no verídico, nas fontes escritas e nos testemunhos. É nesta questão que ela se afasta do romance. Por outro lado, descrever os sentimentos de um indivíduo não poderia ser comprovado com as fontes. Esta não é tarefa da Ciência. O romancista, ao contrario, pode usar da fantasia para completar essas lacunas. É por esse motivo que Dosse considera o gênero biográfico impuro, híbrido.

A partir dessas preocupações e procurando uma resposta sobre a importância de uma análise biográfica de Gama D'Eça, uma questão parece pertinente: como compreender um homem em seu tempo, quando seu tempo é permeado por violentas transformações e onde persistem, simultaneamente, o velho e o novo, a tradição e a modernidade? Talvez seja essa vivência que o torna um sujeito cujas particularidades o difere de outros. Talvez seja esse o motivo que torna importante sua biografia. Assim como o conhecimento de uma época é indispensável para a compreensão do homem, é possível que, no inverso, o “espelho de uma existência” possa refletir as contradições de uma época (DOSSE, 2009:102-3).

1 - Homens e Algas

Partiremos da obra que consagrou Gama D'Eça: *Homens e Algas*. Publicada pela primeira vez em 1957, ela foi escrita durante anos, iniciada nos anos 20. Trata-se de contos inspirados pela sua convivência com os pescadores da Praia dos Coqueiros, (atual Praia da Saudade, localizada na Baía Sul da Ilha de Santa Catarina na parte continental da Cidade de Florianópolis). Era uma casa de veraneio, onde, mais tarde, D'Eça realmente fixa residência. Segundo D'Eça, a praia de coqueiros ainda não havia sido transformada pela crescente urbanização. Em suas palavras, “as hordas elegantes ainda não haviam expulsado, com vagar, método e bangalôs, das suas velhas moradas, os velhos nativos” (D'EÇA, 1992b:19).

O fato é que o título do seu mais famoso livro, *Homens e Algas*, remete a esta condição da modernização capitalista. Para D'Eça, os pescadores seriam como algas, expulsas pelo mar por não lhe serem mais úteis:

Dormem misturados aos rebotalhos das redes e aos detritos úmidos das vagas, ligados no mesmo destino e confundidos nas mesmas causas – homens e algas cuspidos todos numa praia, sob o sol dourado e vivo: as algas pelo mar e os homens pela miséria. (D'EÇA, 1992b:42)

Em artigo publicado no jornal *Roteiro*, de Florianópolis, em 1958 e transcrito no prefácio de *Homens e Algas*, D'Eça afirma o tempo todo que os contos de seu livro são fatos que realmente aconteceram e a sua intenção fora sempre denunciar a miséria na qual viviam os moradores da região:

Não fiz ficção. Não a quis fazer por nenhum preço. Não inventei enredos, não criei personagens, não colori com tintas falsas os meus tipos e minhas paisagens.

Quem viveu e vive em Coqueiros e naquela zona conheceu e conhece a todos eles (D'EÇA, 1992:21)

Além de retratar a pobreza na qual viviam esses pescadores, D'Eça toca em questões específicas em muitos dos contos, como a crescente especulação imobiliária que desabrigava os moradores, a concorrência dos grandes pesqueiros, as doenças que dizimavam a população por falta de atendimento médico, as atitudes sanitaristas do centro da cidade que atingiam essa população além do fatalismo presente nessas comunidades que dependiam do mar e da ausência de tormentas neste para a própria sobrevivência.

Por outro lado, D'Eça demonstra nesta obra um visível saudosismo relativo aos valores que essas comunidades tradicionais carregam. O contraste entre o campo e a cidade, ou melhor, a afirmação da natureza em oposição à vida urbana, como Raymond Williams (WILLIAMS, 2011) demonstra no contexto inglês, é ressaltada em toda obra deste catarinense. A família ainda está preservada, as crenças religiosas, a fé, a ajuda dos mais próximos nos momentos de necessidade, ou mais, o ritmo de vida dessas pessoas, tão ligadas ao ritmo da natureza, sendo respeitadas e entendidas as suas tormentas e, principalmente, aceitas.

Em paralelo à sua atividade literária, D'Eça desempenhou outras funções importantes na época da publicação de *Homens e Algas*. Como professor de Direito, recebe, em 1953 o Diploma de Catedrático de Direito Romano da Faculdade de Direito de Santa Catarina, com a publicação da tese de concurso *Propriedade Quiritária*.

D'Eça fez parte da fundação da faculdade de Direito de Santa Catarina. Segundo Luis Henrique da Silveira, governador do Estado de Santa Catarina, D'Eça ajudou inclusive a custear o espaço físico da faculdade (CORREIO DO CONTESTADO, 01/08/2009) Neste mesmo ano, viaja para o Paraguai, de onde traz suas impressões para a escrita de *Nuestra Señora de Assunción*, publicado somente em 1992, portanto, após a sua morte.

Em 28 de janeiro de 1948, foi nomeado para o cargo de Secretário de Estado dos negócios da Segurança Pública (durante o governo de Aderbal Ramos da Silva). A oposição

ao governo, representada pelo jornal *Diário da tarde* (sob direção de Adolfo Konder e Udenistas) apresentou denúncias sobre as atitudes de Othon em sua função, principalmente num episódio no carnaval, que rendeu vários artigos no *Diário da tarde* e, em resposta, no jornal *O estado*. Na primeira dessas denúncias, o Diário da tarde anunciou na primeira página: “A Polícia, como no tempo do Estado Novo, praticou revoltantes violências contra o Povo, durante o carnaval, nesta Capital” e ainda acrescenta no corpo do artigo: “Não resta dúvida de que a estrela, aos moldes de Berlim e Roma, dos quais o sr. Dr. Othon Lobo da Gama D’Eça foi admirador, realizou-se otimamente.”(DIÁRIO DA TARDE, 11/02/1948).

A polêmica seria porque um grupo de “indivíduos destituídos de moral, que não souberam respeitar um centro de diversões familiares”(O Estado, 14/02/1948), arrumou uma briga e após discussões a polícia foi chamada e, segundo a resposta do jornal *O estado*, foi recebida a cadeiradas.

Ao longo de 1948 diversas denúncias foram feitas à polícia militar, com ênfase ao abuso de autoridade desta e com ataques pessoais ao Secretário de Segurança Pública Othon D’Eça. No jornal *Diário da tarde* de 29 de março deste mesmo ano, há na primeira página uma denúncia dedicada a Othon D’Eça sobre algumas práticas, pois após ter sido avisado da brincadeira do boi na vara², o Secretário de Segurança pública não se manifestou:

Saibam todos que no ano de 1948, no Governo de sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva, sendo secretário de Segurança o sr. Dr. Othon da Gama D’Eça, na capital do Estado de Santa Catarina ainda se usa colocar o boi na vara, sujeitando aos maiores tormentos e as mais inauditas torturas, sem que aos autores de tão bestial brincadeira aconteça a maior contrariedade (DIÁRIO DA TARDE, 29/03/1948).

Como vimos, o jornal da oposição ressalta o autoritarismo de D’Eça no exercício da função. Podemos destacar, inclusive, a citação: “ Não resta dúvida de que a estrela, aos moldes de Berlim e Roma, dos quais o sr. Dr. Othon Lobo da Gama D’Eça foi admirador

² Boi na vara, segundo Othon D’Eça, é “uma diversão antiga, muito querida na ilha e em alguns pontos praieiros do continente”. Coloca-se uma vara fincada no chão e na extremidade amarra-se uma corda com um boi. No meio da vara, coloca-se um boneco vestido de vermelho, quando o boi se afasta do boneco, este desce perto do chão, pois a vara fica envergada, quando o boi se aproxima o boneco sobe. Esta descrição encontra-se no Glossário de Vindita Braba (D’Eça, 1992c, p. 78).

[...]”, para relatar a importância de D’Eça como representante da Ação Integralista Brasileira em Santa Catarina.

2- Flamma Verde

Além de líder do movimento integralista de Santa Catarina, Othon D’Eça foi diretor do jornal *Flamma Verde*, que foi veiculado de 1936 a 1938. De orientação Integralista, o jornal veiculava notícias sobre a Alemanha Hitlerista, pronunciamentos e textos do chefe nacional Plínio Salgado e de outros Integralistas. Apresentava também manuais de conduta aos membros da AIB, convocava o povo a juntar-se ao movimento e continha textos, eventos e a participação dos dirigentes.

Flamma Verde, que era veiculado segundo o próprio jornal, “em todos os municípios de Santa Catarina e em todos os Estados do Brasil” (FLAMMA VERDE, 30/01/1937), também destacava as notícias sobre o chefe municipal, Jeremias de Oliveira, e o chefe provincial, Othon D’Eça.

Em um texto chamado *Três Gerações* (5 de maio de 1968), Plínio Salgado divide a trajetória de sua militância em arregimentar pessoas ao Integralismo em três gerações. Salgado cita Othon na primeira dessas gerações, atribuindo-lhe a tarefa de orientar a “gente nova” do estado de Santa Catarina (WWW.INTEGRALISMO.ORG.BR). Esse trecho mostra a importância de Othon D’Eça dentro do movimento integralista, destaca-se, portanto, a sua posição de chefe provincial e sua responsabilidade em relação ao movimento.

Segundo Othon d’Eça, neto de Othon Lobo da Gama d’Eça, o rompimento de seu avô com a AIB deu-se por desentendimentos com Plínio Salgado em relação ao Estado Novo. Realmente, a saída de d’Eça da AIB deu-se em 1937. Seu neto afirma que d’Eça foi oposição a Vargas no Estado Novo, fazendo inclusive discursos inflamados da sacada de seu casarão, de frente para a praça central da cidade de Florianópolis³.

3- ...Aos espanhóis confinantes

³ Entrevista realizada em 25 de julho de 2012.

Tão rica em informações quanto *Homens e Algas* é a obra *...Aos espanhóis confinantes*, escrita e publicada em 1912. Com um formato totalmente diferente, um diário, a obra relata a viagem em campanha política de Adolfo Konder, governador do Estado de 1926 a 1930.

A ideia da viagem era reconhecer os problemas do interior do estado, uma espécie de “bandeira de reconhecimento”, e também para mostrar aos “vizinhos” Rio Grande do Sul, Paraná e Argentina que o interior do estado estava sendo governado. Convém lembrar que houveram disputas recentes em relação as fronteiras nessa região. Para isso, o governador convidou integrantes de diversos setores do estado, cerca de trinta. Othon D’Eça foi o cronista desta viagem, onde suas impressões sobre ela foram publicadas com o livro *...Aos espanhóis confinantes*. O livro foi inspiração para um filme de mesmo nome, lançado recentemente, em 2006, por Angelo Clemente Sganzerla.

Passando pela paisagem do interior do Estado, D’Eça descreve os problemas encontrados e estabelece uma visível diferenciação entre o população do interior e a o litoral catarinense. Além disso, procura expor sua posição política frente alguns eventos, como por exemplo, as consequências causadas pela passagem da Coluna Prestes.

Provavelmente, além das questões políticas, o evento ocorrido em 1926 pode ter um grande peso neste posicionamento em relação ao movimento. O fato é que em 1926, D’Eça foi nomeado Juiz de Direito da Comarca de Campos Novos. Nesta fase, passou por momentos difíceis com a passagem dos revolucionários liderados por Leonel Rocha, da Coluna Prestes. Como a maioria das casas eram feitas de madeira, D’Eça refugiou-se em uma das poucas de alvenaria da região. Nessa casa também se refugiaram as mulheres e crianças. Tarefa de D’Eça era inclusive defendê-las. Pediu que os documentos oficiais fossem enterrados no jardim da casa e já tramaram uma rota de fuga, caso a casa fosse invadida. As forças legalistas venceram o combate e os revolucionários, que perderam 10 militantes, seguiram para o sul do país (BLASI, 1994:166-1668).

A relação de D’Eça com a política catarinense reflete a atuação da Academia Catarinense de Letras (ACL) em relação à mesma. Segundo Carlos Humberto Corrêa, a ACL

passava por discussões políticas, muito mais do que as estéticas, nos anos 20, década na qual foi criada (CORREA, 1996:23).

Para entender essas duas questões, voltaremos a 1912, para dizer que neste ano D'Eça teve a ideia de fundar uma Academia Catarinense de Letras em Santa Catarina. A ideia foi publicada em um “jornalzinho literário” chamado *O Argo*, de Altino Flores (Idem). A ideia que não se concretizou. Segundo o próprio D'Eça, o cenário catarinense na literatura eram de “doer o coração”. Eram pouquíssimos escritores e muitos, desses que publicavam, eram péssimos.

A precariedade de Santa Catarina na venda de livros era grande. A comunicação entre os escritores se dava principalmente por artigos publicados em jornais e revistas. Nessa época, os principais escritores catarinenses, como Othon D'Eça e Altino Flores, criticavam veemente a situação em que se encontrava a produção literária em Santa Catarina e buscavam no exterior as orientações para a estética literária.

4- Cinza e Bruma (e a Revista Terra)

Em 1920 a ideia foi retomada, quando foi fundada a Sociedade Catarinense de Letras, devido a um certo amadurecimento da literatura em Santa Catarina, iniciado pela publicação de *Cinza e Bruma* (1918) escrito por D'Eça e da já citada revista *Terra*.

Cinza e Bruma é um livro triste de poesias, cujo tema principal é a saudade. Alguns críticos dizem que poderia ter influência do clima de tristeza causado pelo impacto da primeira Guerra Mundial.

A revista *Terra* circulou entre os anos 1920 e 21, mas chegou somente ao número 24. No início mensal e mais tarde semanal, a revista trazia poesias, prosas e, em certos fascículos, questões políticas daquela época.

Desde o surgimento da Academia Catarinense de Letras (ACL) – em 1921 em substituição à já referida Sociedade Catarinense de Letras – as questões políticas já davam o tom das publicações. Os intelectuais tinham uma considerável aproximação com o partido Republicano. Mas o ódio federalista se encontrava principalmente em intelectuais como

Othon D'Eça e Laércio Caldeira de Andrada, que tinham parentes diretos mortos no massacre de Anhatomirim⁴.

Mas a posição de D'Eça sobre esse evento não ficava refletida na sua relação com os intelectuais da época. De 1918 a 1927 Othon D'Eça foi funcionário do estado ocupando os cargos de oficial de gabinete do então governador Hercílio Luz⁵. Foi também neste período promotor da capital, promotor de Lages, delegado auxiliar e chefe de polícia.

A ACL foi criada por iniciativa de José Boiteux, que neste momento era secretário de Interior e Justiça do Governo de Hercílio Luz.

Acompanhando as tensões políticas da década de 20, a maioria dos membros da ACL eram aliados à Hercílio Luz. Na verdade, as disputas políticas do estado estavam dentro do partido Republicano, que possuía duas repartições mais fortes, a de Hercílio Luz e de Vidal Ramos, quando as duas outras lideranças (Lauro Müller e seu primo Felipe Schmidt) se encontravam afastadas, no Congresso Nacional (CORREA, 1996:47-48).

A revista *Terra*, por exemplo, também expressava em suas paginas o compromisso com o governo de Hercílio Luz. Situação que se transforma com a morte do mesmo, em 1925. Com a ocupação de Pereira Oliveira no cargo de governador – apesar de aliado de Hercílio Luz – mudam-se os cargos e José Boiteux é substituído. Essas mudanças foram sentidas também pela academia, que substitui o seu presidente e passa por um período de mínima atividade, até 1930.

Foi nessas oscilações entre apoio do governo, dificuldade de publicação, falta de membros e restrição a muitos autores, que a ACL atravessa a década de 1920. Na década de 30, os membros da Academia seguiram posições políticas diversas, fundando diferentes partidos, como no caso de D'Eça, que levou a AIB a Santa Catarina.

5 – Vindicta Braba

⁴ Othon D'Eça era descendente de Marechal Manuel de Almeida Lobo Gama D'Eça, o Barão de Batovi, militar catarinense e veterano da Guerra do Paraguai. Seu envolvimento com os revoltosos da marinha, oposição do presidente Floriano Peixoto resultou em fuzilamento sem julgamento, na Ilha de Anhatomirim em 1894.

⁵ Hercílio Luz foi governador de Santa Catarina por três vezes, de 1894 a 1898, de 1918 a 1922 e de 1922 a 1924. Foi também senador da república em 1900, 1905 e 1915. Como governador realizou inúmeras obras de saneamento da capital catarinense.

Vindicta Braba foi publicada pela primeira vez em 1923, no jornal *A república*. Em outubro do ano seguinte, foi publicada em São Paulo pela *Revista do Brasil*, por iniciativa de Monteiro Lobato.

Vindicta Braba é uma novela baseada no assassinato de um rapaz, Miguel, pelo pai de Constança, pois Miguel a havia difamado. Sem saber do crime, Constância vai embora com o “namorado”. O pai adoece e morre, deixando sozinha a mãe. *Vindicta* (que significa vingança premeditada) *Braba* acontece na região da Carvoeira e Trindade, bairros da Ilha de Santa Catarina e o enredo todo está baseado na investigação do assassinato, que o leitor, desde o início, já sabe quem é. Com um vocabulário local, que indica um grande trabalho de pesquisa, D’Eça descreve os acontecimentos e os personagens, dando ênfase inclusive à paisagem, fortemente marcada pelas plantações de laranjeiras e café.

Othon justifica o formato de novela da obra: este formato “levaria aos doutos um material para estudos de história e crítica filológica e àqueles espíritos leves que preferem os enredos – um pouco de distração e de interesse” (D’EÇA, 1992c:12). Os personagens presentes em *Vindicta Braba* existiram, segundo Othon, assim como os personagens de *Homens e Algas*.

Em *Vindicta Braba*, os valores modernos vão trazer a ruína à família. Ou seja, em oposição ao posicionamento de Monteiro Lobato no qual a solução para o atraso do seu personagem (o Jeca Tatu) foi a modernização, para Othon esse processo causou uma tragédia. Mesmo assim, como afirma Celestino Sachet, a novela foi publicada, “meio à força”, na revista de Lobato (D’EÇA, 1992c:19).

6- A voz da Academia

D’Eça esteve presente na fundação da ACL e ocupou a presidência de 1945 até a sua morte em 1965. Porém, a postura de D’Eça se diferencia um pouco dos outros membros da ACL, apesar das influências serem as mesmas.

Aparentemente havia um descompasso entre a ACL e as tendências literárias do resto do país. Na época de criação, os membros da ACL estavam voltados para o Parnasianismo quanto à literatura e ao Naturalismo nas artes plásticas. Repudiavam o estilo dos Modernistas

que nesse período começam a ganhar força, principalmente em São Paulo com a Semana de Arte Moderna (1922), os quais em Santa Catarina praticamente não foram citados em nenhum jornal ou revista. Para a Academia, o verdadeiro Modernismo deveria manter-se dentro de parâmetros sensatos e que os escritores deveriam “observar e realizar”, não iludir.

Porém, merece ser destacada a obra de D’Eça *Vindicta Braba*, onde os personagens falam os dialetos locais, inclusive os erros gramaticais. Para Paschoal Apóstolo Pítsica, essa novela de D’Eça teria um pouco da contestação dos Modernistas de 22, em relação ao “brasileirismo” da língua (PTSICA, 2001:45).

A posição do grupo de escritores da Academia sobre o Modernismo gerou uma grande polêmica no campo das letras em Santa Catarina. Para contrapor esses escritores da ACL, por volta de 1947 surgiu o Círculo de Arte Moderna, que posteriormente seria denominado Grupo Sul.

Segundo Celestino Sachet, *Homens e Algas* se aproxima muito da ficção Modernista do Grupo Sul, ou das ficções Realistas de José Américo de Almeida e Graciliano Ramos sobre o Nordeste (D’EÇA, 1992b:25). Portanto, vemos que, apesar de criticar o Modernismo, D’Eça era o membro da Academia mais aberto à outras tendências, mantendo um debate aberto com os outros escritores.

Essas ações do Modernismo nas artes, em Santa Catarina, que apresentavam influências marxistas ganharam forma em Santa Catarina no período em que *Homens e Algas* foi publicado pela primeira vez (1957).

Para Perry Anderson, o modernismo surgiu: “na intersecção de uma ordem dominante semiaristocrática, uma economia capitalista semiindustrializada e um movimento operário semiemergente, ou semiinsurgente.” (ANDERSON, 1982:9). Podemos perceber o escritor D’Eça no grupo do primeiro vetor, de uma elite tradicional e conservadora. É justamente nesta tensão entre o academicismo apresentado pelos grupos que precedem o modernismo e o próprio modernismo que se dará a definição deste (Ibidem, 9).

Em relação ao modernismo do círculo de arte moderna de Santa Catarina, mais conhecido como o Grupo Sul, podemos citar um exemplo dessa tensão com a crítica que

D'Eça ao escritor Salim Miguel. Este escritor lança um livro chamado *Rede*, que, assim como o livro de D'Eça *Homens e Algas*, tem como tema os pescadores de Florianópolis. Mas as visões dos dois escritores são opostas em relação à modernidade para os pescadores. Para D'Eça, assim como as algas são expulsas pelo mar, os pescadores são expulsos pela miséria da modernidade.

Segundo Edgar Garcia, *Rede* retrata também o espaço litorâneo como fatalista, submisso, onde os pescadores sofrem a exploração dos patrões e são vítimas da tecnologia capitalista. A diferença em relação à visão expressa em *Homens e Algas* é que em *Rede* há um “esforço coletivo para a mudança social”, vindas dos próprios pescadores (GARCIA, 2004).

Apesar de serem parecidas quanto ao tema, as obras se distanciam pelo papel atribuído aos pescadores em relação à modernização pelos dois autores. Em *Homens e Algas*, o fatalismo que Othon atribui aos pescadores não permitiria um esforço coletivo para transformar as suas condições - a trajetória política de Othon é capaz de nos mostrar a aversão à luta de classes. Em *Rede*, a tendência “revolucionária” de Salim Miguel permite aos personagens pescadores essa iniciativa.

É possível perceber, portanto, o quanto o posicionamento político de D'Eça influencia na sua visão de mundo, e como essa visão perpassa a sua obra.

A tensão entre essas esferas produzem reflexos da sua produção intelectual que deixam transparecer múltiplas interpretações. A obra *Homens e Algas*, por exemplo, tratando os pescadores como fatalistas - os *homens-alga* da modernidade -, estaria denunciando a condição de descaso do Estado com a situação dos pescadores ou justificando a tutela do Estado sobre estes, sob o argumento de que, fatalistas como são, não seriam capazes de dirigir seu próprio destino? Qual visão estaria de acordo com a própria atitude de D'Eça como Secretário de Segurança, braço do Estado no período de organização do centro urbano de Florianópolis?

Alienada de seu lugar de produção, *Homens e Algas* pode ser considerada sim uma denuncia à condição dos pescadores no período. Mas, considerando outros fatores, pode ser também a crítica ao homem que a modernidade estava formando. Por um lado, o homem

moderno deixa de lado a tradição dessas comunidades, porém é nessas comunidades que estão presentes valores que o homem moderno sente falta. É nessa contradição que o livro opera. Da mesma forma, suas outras obras sempre estão permeadas nesta tensão entre a tradição e a modernização, característica intrínseca da modernidade.

D'Eça, acaba por trazer em si as contradições da modernidade em todos os aspectos. No político, ao questionar a república e propor um novo modelo de homem baseado no Integralismo. No social, ao promover a reflexão sobre as consequências da urbanização. A questão filosófica baseada nos valores modernos/tradicionais que a modernidade tenciona. A questão estética, na crítica literária que defende. Enfim, o literato reúne em sua obra, mesmo que pequena, a problematização de elementos que ajudaram na formação da cidade moderna.

É no espelho da existência desse indivíduo que as contradições podem ser amenizadas ao nosso entendimento. Certas tendências e percepções de D'Eça ajudam a compreender questões que se misturam, ou intersecções destas, ou temas que se distanciam. A biografia se torna aliada neste sentido.

Acreditamos que a grande questão que permeia a vida e a obra de D'Eça passa pela questão dos valores na qual a sociedade moderna rege suas ações. Nada mais significativo que sua *ex-libris*: *Voltei-me para traz e fiquei parado*. O olhar para trás do homem moderno é de frontar-se com as suas contradições e as contradições da própria modernidade.

Bibliografia:

ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. In: *New Left Review*, 144, Março-Abril, 1984, Disponível em: http://www.iiep.org.br/livros/modernidade_e_revolucao.pdf.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *A invenção do litoral : reformas urbanas e reajustamento social em Florianópolis na Primeira República*. 1989.216f. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BLASI, Paulo. *Campos Novos: um pouco de sua história*. Florianópolis: EDEME, 1994, p. 166-168.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *Lições de Política e Cultura: A Academia Catarinense de Letras, sua criação e as relações com o poder*. Florianópolis: Edições A.C.L., 1996.

CORRÊA, Carlos Humberto P. *Historia de Florianópolis ilustrada*. Florianópolis: Insular, 2005, 3ed.

CORRÊA, Nereu. *O canto do cisne e outros estudos*. 2 ed. Florianópolis: FCC, 1981

D'EÇA, Othon. *...Aos espanhóis confinantes*. FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992a.

_____. *Homens e Algas*. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992b.

_____. *Vindita Brava*. Florianópolis: FCC: Fundação Banco do Brasil: Editora da UFSC, 1992c.

DONADEL, Beatriz D'; FLORES, e Maria Bernadete Ramos. Lições de Modernidade: americanismo, eugenia e antifeminismo na literatura de Monteiro Lobato. In: SOUZA, Rogério Luiz de; KLANOVICS, Jô.(orgs). Anais do X Encontro Estadual de História – ANPUH/SC, III Reunião Nacional do GT Estudos de Gênero e II Jornada Nacional de História do Trabalho realizados em Florianópolis de 30/08 a 02/09 de 2004.

DOSSE, François. *O desafio biográfico. Escrever uma vida*. São Paulo: Edusp, 2009.

GARCIA, Edgar Junior. O nacional-popular no romance regionalista catarinense das décadas de 1950 e 1960. In: *X Encontro Estadual de História: Trabalho, Cultura e Poder*. 01 setembro de 2004. Palestra

GOMES, Ângela de Castro. Escritas de si, escrita da História: a título de prólogo. In: _____ (org.). *Escrita de si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 2004.

PÍTSICA, Paschoal Apostolo. Academia Catarinense de Letras: Á altura de seu passado. As nove idades da Academia Catarinense de Letras. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2002, p. 45.

SABINO, Lina Leal. *Grupo Sul: O modernismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1982

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Sítios consultados:

SALGADO, Plínio. *Três Gerações*. 5 de maio de 1968. Disponível: www.integralismo.org.br. Acesso em: 4 julho de 2006.

Jornais:

Diário da tarde, Florianópolis

O estado, Florianópolis

Flamma Verde, Florianópolis

Correio do Contestado, Florianópolis

Arquivos:

Arquivo da Academia Catarinense de Letras

Arquivo público do Estado de Santa Catarina